



Núcleo de Permanência Estudantil (NPE) e saúde mental: trajetória acadêmica em rede de apoio

Larissa Tallita de Oliveira

Resumo

O ingresso na universidade constitui um marco transformador, mas também um período de intensos desafios relacionados à saúde mental, vulnerabilidade socioeconômica e condições de permanência acadêmica. Este relato apresenta a trajetória de uma estudante da Universidade Estadual Paulista (UNESP) desde 2014, destacando o papel do Núcleo de Permanência Estudantil (NPE) como eixo central para a permanência acadêmica por meio de auxílios financeiros, moradia, atendimentos psicossociais e mediações institucionais.

O trabalho tem como objetivo descrever a experiência acadêmica em diferentes fases, evidenciando como os serviços de apoio da universidade contribuíram para a permanência, contextualizando situações de vulnerabilidade, violência e adoecimento vividas ao longo do percurso, e refletindo sobre o impacto do acolhimento institucional e comunitário na saúde mental de estudantes.

O desenvolvimento abrange desde o ingresso inicial em 2014, com apoio à pesquisa, passando por momentos de crise e ruptura familiar em Tupã, a mudança de curso em 2018 e a ampliação de auxílios, até experiências marcantes em projetos de extensão socialmente relevantes. A trajetória inclui ainda adoecimentos graves, como neuralgia do trigêmeo e manifestações da síndrome de Melkersson-Rosenthal, que ampliaram os desafios acadêmicos, bem como o ponto de virada representado pelo acesso ao tratamento com cannabis medicinal via ABRAPPAC.

Conclui-se que o NPE foi determinante não apenas para viabilizar condições materiais, mas também como suporte emocional e institucional. A experiência revela, entretanto, fragilidades estruturais relacionadas à comunicação entre setores e ausência de protocolos unificados, apontando a necessidade de investimentos em políticas de acolhimento mais integradas, permanentes e efetivas..

Palavras-chave: Núcleo de Permanência Estudantil; Saúde mental; Rede de apoio; Acolhimento institucional; Cannabis medicinal..

Introdução

O ingresso na universidade constitui um marco transformador na vida de estudantes, mas também revela um período de intensos desafios relacionados à saúde mental, vulnerabilidade socioeconômica e condições de permanência acadêmica. No contexto da Universidade Estadual Paulista (UNESP), as políticas de assistência estudantil desempenham papel crucial para garantir inclusão, diversidade e continuidade da formação em meio a adversidades. Este relato apresenta a trajetória de uma estudante desde 2014, destacando como o Núcleo de Permanência Estudantil (NPE) foi fundamental para viabilizar a permanência acadêmica por meio de auxílios financeiros, moradia estudantil, atendimentos psicossociais e mediações institucionais. A experiência descrita também evidencia situações de adoecimento físico e mental, violências de gênero, desafios de adaptação e diagnósticos clínicos complexos, entre eles a neuralgia do trigêmeo — reconhecida como uma das condições de dor mais severas em seres humanos (ZAKRZEWSKA et al., 2017) — e, mais recentemente, manifestações compatíveis com a síndrome de Melkersson-Rosenthal, doença neurológica rara que afeta autoestima, comunicação e interação social (PINNA et al., 2024; DHAWAN; SAINI; SINGHI, 2020). Ao mesmo tempo, o relato ressalta o impacto positivo de redes de apoio institucionais e comunitárias, como coletivos estudantis e a ABRAPPAC – Associação Brasileira de Pesquisadores e Pacientes de Cannabis, que ofereceram suporte complementar em momentos críticos. Dessa forma, a experiência relatada permite refletir sobre a função social da universidade, não apenas como espaço de formação acadêmica, mas também como promotora de saúde, acolhimento e qualidade de vida.

Objetivos

O presente relato tem como objetivos descrever a experiência acadêmica em suas diferentes fases, ressaltando o papel desempenhado pelo Núcleo de Permanência Estudantil (NPE) na trajetória; evidenciar de que forma os auxílios financeiros, a moradia e os serviços psicossociais da UNESP contribuíram para a permanência estudantil; contextualizar as situações de vulnerabilidade, violência e adoecimento vividas ao longo do percurso acadêmico; bem como refletir sobre o impacto do acolhimento institucional e comunitário na saúde mental de estudantes, apontando ainda desafios e sugestões para o aprimoramento dos protocolos de acolhimento universitário.

Desenvolvimento

2014–2017: Ingresso e descoberta da pesquisa. O percurso iniciou-se em 2014, no curso de Engenharia de Biosistemas, com bolsa do Núcleo de Permanência Estudantil (NPE) vinculada à iniciação científica. Esse apoio viabilizou a inserção em grupos de pesquisa, congressos e feiras, possibilitando contato direto com a ciência aplicada. Nesse período,

participou de projetos de pesquisa e desenvolvimento em engenharia aplicada ao bem-estar animal, experiência que aproximou a teoria acadêmica das práticas científicas.

Do ponto de vista pessoal, esse período também foi atravessado por dificuldades de saúde (bulimia, gastrite e crises recorrentes de neuralgia do trigêmeo, condição neurológica crônica descrita como uma das dores mais intensas que o ser humano pode suportar ((ZAKRZEWSKA et al., 2017)). As crises, frequentes em dias frios, já impactavam a rotina e a qualidade de vida desde os 19 anos, exigindo força adicional para manter o rendimento acadêmico. Apesar disso, o engajamento científico serviu como fator de motivação.

2016: Crise, vulnerabilidades e ruptura familiar. Os atendimentos médicos e psicológicos foram buscados por conta própria na cidade de Tupã, uma vez que o campus não dispunha de qualquer estrutura institucional para acolhimento ou sequer uma conversa inicial. Esse suporte, no entanto, mostrou-se insuficiente para lidar com a complexidade da situação. O acolhimento efetivo veio apenas após a transferência para o campus de Ilha Solteira, onde coletivos estudantis, o diretório acadêmico, o Núcleo de Gênero e Sexualidade (NUGENS) e, posteriormente, espaços institucionais da UNESP ofereceram escuta e encaminhamentos. Essa rede foi fundamental para que a estudante se sentisse ouvida e legitimada em suas dores, possibilitando dar continuidade ao percurso acadêmico.

2018–2019: Mudança de curso e ampliação do apoio. Em 2018, a transferência para Engenharia Mecânica marcou um novo recomeço, com acesso a auxílio socioeconômico e moradia estudantil pelo NPE. Esses benefícios garantiram a viabilidade de permanência em um curso mais desafiador, ainda permeado por ambientes de machismo estrutural.

Em 2019, o desempenho acadêmico caiu e os auxílios estiveram em risco. A intervenção da assistente social foi decisiva para garantir a continuidade do apoio, além de encaminhar a estudante ao acompanhamento psicológico, fortalecendo a rede de suporte.

2020–2021: Engenharia a favor da sociedade. A participação em projeto da Bolsa COPE CONECTA, vinculada à Coordenadoria de Permanência Estudantil (COPE), foi um marco transformador. Essa bolsa integra as políticas do NPE e tem como objetivo ampliar oportunidades acadêmicas a estudantes em vulnerabilidade socioeconômica, conectando ensino, pesquisa, extensão e cultura.

No caso da estudante, o projeto envolveu a instrumentação de protótipos para reabilitação de membros inferiores, realizado em parceria com profissionais da fisioterapia. O contato direto com pacientes reais evidenciou a dimensão social da engenharia, mostrando que sua aplicação

vai além do mercado de trabalho, alcançando também a saúde, a reabilitação e a qualidade de vida. A experiência resultou em um protótipo funcional e um registro audiovisual do processo, além de aprendizagens profundas sobre interdisciplinaridade e empatia. Essa vivência reafirmou o sentido de pertencimento à engenharia e evidenciou a relevância de integrar ciência e cuidado humano.

2019–2023: Adoecimento e suporte institucional. Com o agravamento da saúde, o NPE e a Seção Técnica de Saúde da UNESP se tornaram pilares. Foram oferecidos: atendimento psicoterapêutico entre 2019 e 2023; Consulta médica; Encaminhamento odontológico especializado junto à faculdade de Odontologia de Araçatuba ; Apoio social para recursos assistenciais e exames urgentes. Esse suporte foi decisivo para a permanência acadêmica, pois garantiu cuidados que seriam inviáveis financeiramente. Nesse período, também foram realizados testes psicológicos que indicaram indícios de TDAH, ampliando a compreensão da trajetória.

Além disso, os efeitos colaterais cognitivos decorrentes do uso contínuo de medicações para o controle da neuralgia do trigêmeo impactaram diretamente o rendimento acadêmico. Em 2023, surgiram ainda manifestações compatíveis com a síndrome de Melkersson-Rosenthal, doença neurológica rara caracterizada por paralisia facial recorrente, edema orofacial e língua fissurada (PINNA et al., 2024; DHAWAN; SAINI; SINGHI, 2020). Esses novos sintomas ampliaram os desafios, afetando a comunicação, a autoestima e a interação social. O apoio do NPE, por meio de atendimentos psicossociais, mediações institucionais e flexibilizações, foi essencial para reduzir o impacto dessas condições e possibilitar a continuidade da formação.

Ponto de virada: ABRAPPAC e cannabis medicinal. Além do suporte direto do NPE, a rede de cuidado também se ampliou para fora da universidade. A ABRAPPAC – Associação Brasileira de Pesquisadores e Pacientes de Cannabis teve papel essencial ao possibilitar o acesso ao óleo full spectrum de cannabis, que se mostrou como o único tratamento realmente eficaz diante das crises enfrentadas. O uso do óleo reduziu significativamente os episódios e tem possibilitado a redução gradual de medicações mais pesadas, que até então traziam fortes efeitos colaterais sem apresentar resultados satisfatórios.

Embora não seja o eixo central deste relato, esse apoio externo complementou o papel do NPE e demonstra como redes comunitárias podem se articular com a universidade. Ressalta-se que a ABRAPPAC esteve presente muito antes de sua relevância ser oficialmente reconhecida pela instituição, sendo hoje de interesse da FAPESP e da reitoria da UNESP,

formar junto com diversos câmpus e associações com a intenção de formar a maior rede interdisciplinar de pesquisa e desenvolvimento sobre o tema no Brasil. Essa evolução institucional foi destacada no COTECANN – Congresso Sobre o Uso Terapêutico de *Cannabis sativa L.* (2025), reforçando que experiências individuais como esta se conectam a um movimento maior de integração entre comunidade, ciência e academia.

Fragilidades na integração entre NPE e departamentos: Apesar dos avanços, persistem limitações. O trabalho do NPE foi essencial e determinante, mas nem sempre encontrou continuidade na dimensão acadêmica. Houve uma dificuldade estrutural de comunicação entre os serviços de apoio e o departamento, o que comprometeu parte dos resultados. Em muitos momentos, todo o esforço do NPE poderia ter sido melhor aproveitado se tivesse havido maior integração com os encaminhamentos acadêmicos. Não se trata de uma crítica pessoal a professores ou técnicos, que em diversas ocasiões demonstraram sensibilidade e empenho, mas de um problema sistêmico, marcado pela ausência de protocolos claros e pela falta de canais de diálogo efetivos. Essa lacuna deixou a estudante e os profissionais envolvidos diante de um desafio constante: tentar articular, de forma fragmentada, o cuidado acadêmico e o cuidado em saúde. Esse relato pode ser lido como o grito de ajuda de uma aluna que, ao expor sua trajetória, aponta a necessidade de a universidade investir em mecanismos institucionais de comunicação, integração e treinamento. Assim, experiências futuras poderão ser mais bem acolhidas, transformando a dedicação de setores como o NPE em resultados ainda mais significativos para a vida acadêmica.

Conclusões

O relato mostra que o Núcleo de Permanência Estudantil (NPE) foi eixo central para a permanência acadêmica, indo além do auxílio financeiro. Moradia, auxílios, atendimentos psicossociais e o trabalho dedicado de profissionais foram determinantes para a continuidade dos estudos em meio a crises de saúde e vulnerabilidades sociais.

A experiência evidencia, no entanto, lacunas no sistema: ausência de protocolos unificados, falhas na integração entre setores e insuficiência na formação de profissionais para lidar com casos complexos de saúde mental.

Valorizar práticas de acolhimento que funcionaram, fortalecer redes institucionais e comunitárias e investir em melhorias estruturais são passos essenciais para garantir inclusão,

diversidade e promoção da vida universitária.

Referências

DHAWAN, S.; SAINI, A.; SINGHI, P. Management strategies of Melkersson-Rosenthal syndrome: a review. *International Journal of General Medicine*, v. 13, p. 61–65, 2020.

PINNA, M.; ORRÙ, G.; MARROSU, F. Melkersson–Rosenthal syndrome: a case report. *Clinical Case Reports*, v. 12, n. 2, e8075, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1002/ccr3.8075>.

ZAKRZEWSKA, J. M.; WU, J.; MON-WILLIAMS, M.; PHILLIPS, N.; PAVITT, S. H. Evaluating the impact of trigeminal neuralgia. *Pain*, v. 158, n. 6, p. 1166–1174, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1097/j.pain.0000000000000853>